https://doi.org/10.20336/rbs.1244

Back to the 70s: desconstrução entre nacional-popular e dependentismo

Back to the 70s: Deconstruction between the national-popular and dependency theory

Back to the 70s: deconstrucción entre nacional-popular y dependentismo

Maurício Hoelz[*]

André Botelho[**]

RESUMO

A luta pelo reconhecimento de formas então marginalizadas de literatura envolveu trincheiras e batalhas diferentes nos anos de ditadura militar-civil (1964-1985). O ensaio procura adensar o debate sobre cultura e política no Brasil dos anos 1970 explorando o lugar nele ocupado por *Vale quanto pesa* (1982) de Silviano Santiago, autor então recém-chegado de uma carreia profissional nos Estados Unidos. Partindo do diálogo estabelecido por Heloisa Buarque de Hollanda em *Impressões de viagem* (1981) com "Cultura e Política, 1964-1969" (1970), de Roberto Schwarz, delineamos a posição própria de Silviano Santiago entre esses autores. Diferente de Schwarz, Santiago desconstrói a polarização "cópia" e "original" em crítica pioneira ao eurocentrismo, acompanhado, de certa forma, por Heloisa Buarque. Diferente desta – centrada no Brasil como espaço delimitado das relações que lhe interessam, a desigualdade interna e as diferenças culturais nacionais –, Santiago, porém, está sempre pensando a inserção brasileira no mundo: como dinâmica das relações literárias, intelectuais e culturais desenvolvidas não simplesmente "no", mas, propriamente, "a partir" do Brasil e seu lugar periférico. Diferente de Schwarz, também sempre atento à geopolítica internacional, Santiago não se restringe aos quadros da dependência: parte deles para ultrapassá-los formulando um programa comparativo desconstrutor. A análise do ensaio "Apesar de dependente, universal" nos permite demonstrar esse campo problemático.

Palavras-chave: Silviano Santiago, cultura e política nos anos 1970, crítica ao eurocentrismo, Roberto Schwarz, Heloisa Buarque de Hollanda.

[*] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil.
Doutor em Sociologia, Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do PPGCS da UFRRJ. mauriciohoelz@gmail.com

[**] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Doutor em Ciências Sociais (Unicamp), Professor Titular da UFRJ e pesquisador do CNPq e da FAPERJ. andrebotelho@digirotas.com.br

ABSTRACT

The struggle for recognition of then-marginalized forms of literature involved different trenches and battles during the years of the military-civilian dictatorship (1964–1985). This essay seeks to enrich the debate on culture and politics in 1970s Brazil by exploring the place occupied within it by *Vale quanto pesa* (1982) by Silviano Santiago, an author who had recently returned from a professional career in the United States. Starting from the dialogue established by Heloisa Buarque de Hollanda in *Impressões de viagem* (1981) with Roberto Schwarz's "Cultura e Política, 1964–1969" (1970), we outline Silviano Santiago's distinctive position in relation to these authors. Unlike Schwarz, Santiago deconstructs the "copy" versus "original" polarization in a pioneering critique of Eurocentrism, accompanied, in a certain sense, by Heloisa Buarque. Unlike her – centered on Brazil as the delimited space of the relations that concern her, namely internal inequality and national cultural differences – Santiago, however, is always thinking about Brazil's insertion in the world: as a dynamic of literary, intellectual, and cultural relations developed not simply "in," but properly "from" Brazil and its peripheral position. Unlike Schwarz, who is also consistently attentive to international geopolitics, Santiago does not confine himself to the dependency theory references: he draws on them to go beyond, formulating a deconstructive comparative program. The analysis of the essay "Apesar de dependente, universal" allows us to illuminate this problematic field.

Keywords: Silviano Santiago, culture and politics in the 1970s, critique of Eurocentrism, Roberto Schwarz, Heloisa Buarque de Hollanda.

RESUMEN

La lucha por el reconocimiento de formas de literatura entonces marginadas implicó diferentes trincheras y batallas durante los años de la dictadura cívico-militar (1964-1985). El ensayo busca profundizar el debate sobre cultura y política en el Brasil de los años setenta, explorando el lugar que en él ocupa Vale quanto pesa (1982), de Silviano Santiago, autor que por aquel entonces regresaba tras una trayectoria profesional en Estados Unidos. Partiendo del diálogo establecido por Heloisa Buarque de Hollanda en Impressões de viagem (1981) con el texto "Cultura e Política, 1964-1969" (1970) de Roberto Schwarz, delineamos la posición particular de Silviano Santiago en relación con estos autores. A diferencia de Schwarz, Santiago deconstruye la polarización entre "copia" y "original" en una crítica pionera al eurocentrismo, acompañado, en cierto modo, por Heloisa Buarque. No obstante, a diferencia de esta – centrada en Brasil como espacio delimitado de las relaciones que le interesan, tales como la desigualdad interna y las diferencias culturales nacionales –, Santiago reflexiona siempre sobre la inserción de Brasil en el mundo: entendida como una dinámica de relaciones literarias, intelectuales y culturales desarrolladas no simplemente en Brasil, sino, propiamente, desde Brasil y de su posición periférica. Asimismo, a diferencia de Schwarz – quien también presta constante atención a la geopolítica internacional – , Santiago no se limita a los marcos de la teoría de la dependencia; parte de ellos para trascenderlos, formulando un programa comparativo de carácter deconstructivo. El análisis del ensayo "Apesar de dependente, universal" nos permite exponer este campo problemático.

Palabras clave: Silviano Santiago, cultura y política en los años setenta, crítica al eurocentrismo, Roberto Schwarz, Heloisa Buarque de Hollanda.

A novidade veio dar à praia
[...]
A novidade era o máximo
Do paradoxo estendido na areia.
"A novidade", Herbert Vianna e Gilberto Gil, 1986.

"Cultura e Política, 1964-1969", de Roberto Schwarz, é um dos ensaios mais influentes sobre o tema enfeixado em seu título. O ensaio, publicado na França em 1970 e posteriormente reunido em *O pai de família e outros estudos* (1978), registra seu diagnóstico de que o golpe militar de 1964 não acabou, ao menos inicialmente, com a movimentação cultural no campo da esquerda, presente no cinema, no teatro, na canção popular, nas artes plásticas, bem como no movimento estudantil. Ainda assim, a ruptura democrática alterou os termos do debate e da atitude intelectual e artística. O argumento de Schwarz continua incontornável: uma vez impedida a solidariedade de classes entre artista/intelectual e as classes populares, o ideário da esquerda continuava existindo em circuitos mais restritos, sendo produzido, basicamente, para consumo próprio (Botelho & Tresoldi, 2024a).

A crítica a alguns movimentos culturais da segunda metade dos anos 1960, especialmente voltada ao Teatro de Arena, ao Teatro Oficina e ao Tropicalismo, levanta uma série de questões importantes a esse respeito, que têm gerado muitos debates. Especialmente em relação ao Tropicalismo, inclusive porque Schwarz (2012) voltou mais de uma vez a ela, por ocasião do lançamento de *Verdade tropical* (1997) de Caetano Veloso. Em sua visão, o tropicalismo transformou a coexistência entre arcaico e moderno – tão recorrente na história brasileira e reforçada pela ditadura militar – em alegoria do Brasil, tornando incerto o que era "sensibilidade e oportunismo" e "crítica e integração" (Schwarz, 1978). No balanço realizado pelo autor, a contestação do poder pelo movimento cultural à esquerda em plena ditadura restava ambígua, pois, não tendo como tomá-lo (só com a luta armada isso seria possível, como chega a sinalizar), tampouco produzia uma reflexão sobre os motivos que levaram ao golpe e à interrupção de um caminho alternativo para a sociedade brasileira, o qual estava no horizonte no começo de 1960. Schwarz julgava imprescindível compreender os sentidos dessa derrota para a recomposição das forças democratizantes (Botelho & Tresoldi, 2024a).

Heloisa Buarque de Hollanda discorda significativamente das conclusões de Schwarz sobre o papel dos movimentos culturais dos anos 1960-70 e, sobretudo, sobre o sentido de sua atuação. Em *Impressões de viagem* (1980), ela defende que a produção cultural não é reflexo das relações sociais. Em sua análise, os problemas mais gerais do contexto – "modernização", "democratização", "nacionalismo" e "fé no povo" – sofrem inflexões conforme os distintos interesses e as técnicas disponíveis para a produção cultural. "Não são formas objetivadas da sociedade. São, antes, repertórios que, em combinações diversas, acabam por sugerir um contexto menos estruturado e mais poroso, mais contingente, mais até, por tudo isso, incerto" (Botelho & Tresoldi, 2024a, p. 13). Para Heloisa, a existência de textos e contextos diversos estimula uma perspectiva dialógica, em que a abordagem e a formulação dos problemas mais gerais do contexto da ditadura se dão por meio de diferentes concepções estéticas e políticas, por vezes antagônicas.

Como já foi mostrado (Botelho & Tresoldi, 2024b), entra em cena Walter Benjamin, um dos interlocutores preferidos de Heloisa desde a segunda metade dos anos 1960 (Hollanda, 2009). Sua tese mobiliza uma noção de técnica benjaminiana que, embora considere certa autonomia do âmbito artístico, não descura de que a forma tem uma função política. Por entender que a cultura não é reflexo das relações sociais, Heloisa atenta para a potencial dimensão emancipadora da produção cultural, mesmo no limite.

> O conceito de *técnica literária* dá acesso à análise dos produtos literários em seus contextos e é através dele que se poderá dizer a função política dessa produção. Ou seja: em que medida ela estará reabastecendo o aparelho produtivo do sistema ou atuando para modificá-lo. A função política da obra – sua eficácia revolucionária – não deve, então, ser procurada nas imprecações que dirige ao sistema ou em sua autoproclamação como obra de transformação social, mas, antes, na técnica que a produz – na conformação ou não dessa técnica às relações literárias de produção estabelecidas (Hollanda, 1992, p. 27, grifo no original).

Embora concorde com Roberto Schwarz quanto ao horizonte de comunicação possível no contexto pós-64, Heloisa, por outro lado, também problematiza a visão do crítico, ao não perceber, de uma perspectiva mais ampla, que a ambiguidade tropicalista portava uma nova linguagem, crítica e transgressora "especialmente no sentido da subversão de valores

e padrões de comportamento" (Hollanda, 1992, p. 62). Os tropicalistas, embora informados por uma noção de público mais restrita do que aquela assumida pelo Centro Popular de Cultura (CPC) – o que se devia, em parte, ao bloqueio pela ditadura de 1964 dos canais de comunicação com as classes populares –, não deixam de manifestar o viés crítico da arte engajada. Uma crítica que se volta para a dimensão subjetiva, em lugar de visar a tomada do poder; seu público, em lugar do povo brasileiro, indiferenciado, são as classes médias e as minorias urbanas.

A leitura de Roberto Schwarz feita por Heloisa Buarque de Hollanda oferece uma chave de interpretação alternativa sobre as relações entre cultura e política no Brasil dos anos 1960, ao salientar as descontinuidades, ambiguidades e fraturas expressas em discursos intelectuais e artísticos. Até mesmo a literatura representada pela produção do CPC e das vanguardas passa a ser repensada, assim como os conceitos e valores que a informavam. Desde uma perspectiva alargada, Heloisa observa um contexto marcado, principalmente, por crescente descrença em relação às linguagens do sistema e mesmo da esquerda tradicional – uma crise de valores que deflagra o surgimento de novas técnicas de intervenção cultural, como a dos poetas marginais, também valorizadas e estudadas por ela. Aí reside a importância do intelectual público: na sintonia com seu tempo e com o espaço possível de ação e na coragem de assumir os equívocos de sua visão diretiva, vanguardista.

Queremos adensar esse debate trazendo um outro protagonista de primeira linha, cuja perspectiva se distingue qualitativamente das duas posições acima evocadas, embora mantenha possibilidades de diálogo com ambas.[1] Em um ensaio de 1998, Silviano Santiago delimita os anos de 1979 a 1981 como intervalo central no processo de democratização no Brasil. Nesse triênio, ele argumenta, a luta contra a ditadura civil-militar no Brasil, protagonizada pelos setores de esquerda, passou gradualmente a ceder espaço no cenário cultural e intelectual para novos debates e questões suscitados

[1] Este ensaio se inscreve em uma agenda de pesquisas e eventos sobre o pensamento social dos anos 1970, que vem se materializando, além de publicações, no ciclo de seminários *Back to the 70s*: euforia e sombras, organizado pelos autores e por Maria Fernanda Argileu no âmbito do Núcleo de Estudos Comparados e Pensamento Social – NEPS (UFRJ, UFRRJ, UFF). Ao nos voltarmos para o debate estético e político dos anos 1970, nosso interesse incide, sobretudo, no aprendizado social que se dá nas e por entre as frestas da autocracia para a democratização da cultura. Entendemos que, entre estado e sociedade, as vanguardas e a indústria cultural, a cultura e a política, há espaço para inovações, mas estas nem sempre se traduzem num aprendizado que potencializa a mudança social.

pela redemocratização do país. No campo das Letras, em particular, Silviano observa que esses anos marcaram a passagem de uma crítica literária mais estrita – focada no estudo da cultura de uma "minoria letrada" – para uma crítica da cultura interessada em uma pluralidade de textos e manifestações (Botelho & Tresoldi, 2024a).

Silviano referia-se à crise da crítica tradicional ao longo dos anos 1970, colocada à prova e desafiada a responder criativamente a um contexto de pluralização de textos e sujeitos literários que surgiam e se transformavam simultaneamente no circuito cultural e político mais amplo. "Categorias como 'curtição' e 'desbunde' foram forjadas pela crítica para capturar, na novidade, a verve do contemporâneo e descrever a efervescência cultural do Brasil sob a ditadura militar" (Botelho & Tresoldi, 2024a, p. 2). O próprio Silviano Santiago é protagonista desses conflitos, com sua visão sobre a cultura de massas sensivelmente distinta da então hegemônica nas esquerdas brasileiras, visão essa possivelmente moldada por seus anos como *scholar* nos Estados Unidos. Com a publicação dos textos reunidos em *Vale quanto pesa* (1982), ele passa a intervir diretamente no debate público sobre literatura, colocando lado a lado nomes como Lima Barreto, Adão Ventura e Caetano Veloso.

O recorte empírico aqui adotado, para voltar ao debate travado nos e sobre os anos 1970, leva em conta tanto a representatividade histórica dos autores e textos selecionados, isto é, sua presença e relevância no momento estudado, quanto seus desdobramentos e repercussões posteriores. Mais do que tendências, as posições aqui analisadas ao modo genealógico constituem três linhas de desenvolvimento e generalização – à maneira do tipo ideal weberiano – do debate sobre cultura e política na transição democrática e, também, no tempo presente: o nacional-popular, o dependentista e o desconstrutor. Cada um desses tipos ideais, como é evidente, transformou-se ao longo do tempo.

Nem nacional nem subtração: vale quanto pesa

Vale quanto pesa, editado pela Paz & Terra em 1982, constitui a segunda coletânea de ensaios de Silviano Santiago, gestada no auge de sua atuação universitária e intelectual no Brasil. O volume reúne textos escritos e publicados em diferentes veículos ao longo da segunda metade dos anos 1970 e início dos anos 1980, que revelam uma espécie de múltipla personalidade

que tem caracterizado o papel de Silviano como especialista rigoroso e intelectual público: o orientador e figura central na vida universitária e na formação de novos pesquisadores, o interlocutor do debate público por meio de jornais e suplementos culturais, e ainda o escritor anfíbio crítico e ficcionista – afinal, foi justamente nessa época que tomou forma o projeto do romance *Em liberdade* (1981) (Silva, 2024a).

A própria fatura de *Vale quanto pesa* permite rastrear os percursos pelos quais Silviano compôs tanto o livro quanto sua identidade como pensador, deixando entrever os processos de formação crítica nas dimensões geracional, individual e institucional. Não por acaso, a coletânea se encerra com uma entrevista do autor sobre o papel do crítico, depois de atravessar discussões sobre censura, mercado e ditadura – fenômenos que reconfiguraram esse mesmo papel. É esse, afinal, o fio que costura os ensaios: a reflexividade da crítica em suas relações multidimensionais, interseccionais e complexas com produtores artísticos, culturais e leitores, em um momento de intensas e velozes transformações.

Alguns dos ensaios reunidos em *Vale quanto pesa* foram escritos ainda durante a concepção de seu livro anterior, *Uma literatura nos trópicos* (1978), publicado pela Perspectiva. Esse volume anterior reúne textos produzidos entre os Estados Unidos e o Brasil, mais especificamente, entre sua experiência como docente e pesquisador em universidades norte-americanas – no trânsito entre Paris, onde concluía seu doutorado em literatura francesa, e Buffalo, onde assumia um dos mais altos postos acadêmicos –, e sua atuação como professor da primeira turma de mestrado em Literatura Brasileira da PUC-Rio, na primeira metade dos anos 1970.

Uma literatura nos trópicos é um livro bipartido: a primeira parte discute grandes temas da crítica literária especializada e os romances-ícones do século XIX brasileiro com um arsenal teórico informado pelo chamado pós-estruturalismo francês; já a segunda parte explora o caminho das micropolíticas da identidade e da sexualidade, seguindo os índices contidos nas práticas de transgressão e marginalidade na contracultura, na música, na poesia, no romance etc. (Santiago *et al.*, 2018). A estrutura aparentemente aleatória do livro, na verdade, revela o trânsito entre a universidade norte-americana, com as primeiras aulas sobre literatura brasileira e o contato com o pensamento francês, e a experiência universitária brasileira – sobretudo, carioca –, marcada pela emergência de movimentos contestatórios em plena

ditadura militar. A junção dos ensaios heterogêneos forma a argamassa que garante coerência ao livro, ao apostar em novos objetos para a crítica literária, como a música popular, a cultura de massa, a literatura contemporânea e a poesia marginal.

Se *Vale quanto pesa* abandona a estrutura bipartida de seu antecessor – tratando-se, naturalmente, de um projeto distinto –, certas referências teóricas e balizas conceituais apresentam clara continuidade. Destaca-se, em particular, a presença do pensamento de Jacques Derrida sobre a escritura, que perpassa o livro de 1982 de ponta a ponta, em linha com o que já se observava em 1978 – e que pode ser recuado até 1976, com a publicação do *Glossário de Derrida* e do livro sobre Carlos Drummond de Andrade, ambos em diálogo com a desconstrução (Silva, 2024b). Esse repertório filosófico, contudo, não é aplicado de forma programática: ele emerge quando convocado pelo próprio objeto artístico, funcionando como suplemento à análise.

Se *Vale quanto pesa* ainda ressoa, de alguma forma, o período formativo dos anos 1960-1970 de Silviano e suplementa a preocupação central de *Uma literatura nos trópicos* sobre o problema da *mimese* em contextos coloniais e da assimetria entre diferentes literaturas, eles representam juntos, com continuidades e descontinuidades, marcos decisivos na institucionalização dos estudos de literatura comparada no Brasil e na promoção de novos objetos e sujeitos literários. Isso pode ser verificado tanto nos estudos com objetos mais "tradicionais", isto é, sobre grandes autores brasileiros do século XIX, quanto nos textos mais ousados, de corte ensaístico, que buscam, justamente, na novidade de seus objetos, a verve do contemporâneo. O título do livro, ao trazer o produto emblemático da propaganda da época, o sabonete desodorante *Vale quanto pesa*, não deixava dúvidas sobre a direção do pensamento do autor; quer dizer, garantir, a partir de suas análises, estatuto crítico aos produtos culturais de massa, aos objetos artísticos que ganharam notoriedade junto ao grande público, e explorar novos temas para a literatura comparada. Revela-se, assim, o intuito de fugir, mesmo que momentânea e sorrateiramente, das obras simplesmente literárias, já consagradas pela crítica, indo em direção a outros campos.

O subtítulo do livro também é uma chave importante: "Ensaios sobre questões político-culturais". Já argumentamos que as realizações de crítica literária de Silviano são simultaneamente realizações de crítica estética

(da ordem da concepção e fatura das obras), de crítica da cultura (do lugar dessas obras num sistema cognitivo ou simbólico mais amplo) e também política (pois lhe interessa o sentido assumido pelas obras na tradição literária, para os seus leitores e noutros contextos), e alcançam em cheio o debate público na sociedade contemporânea (mesmo quando escreve sobre o passado) (Botelho, 2022). Esse sistema de comunicação reflexiva entre literatura, cultura e política, que nunca, porém, reduz um termo ao outro, vem configurando a crítica de Silviano e ganha em *Vale quanto pesa* aportes cruciais. Diríamos, mesmo, que a própria noção tradicional de literatura com a qual a crítica brasileira ainda vinha trabalhando rotineiramente é sutil mas decisivamente abalada na coletânea de 1982.

Pense-se, para começar, no sentido de numa coletânea de ensaios que se inicia com um poema rasurado; ou da afirmação que abre o ensaio que dá título à coletânea: "Nesta altura do século XX, seria imprudente começar a escrever sobre ficção brasileira contemporânea sem se levar em consideração o fato de que é veiculada através de um objeto a que chamamos livro". Ou ainda, pense-se na poesia de João Cabral de Mello Neto ("As incertezas do sim") figurando ao lado da de Adão Ventura ("A cor da pele"), alocando dois poetas, um consagrado e outro em franca ascensão, na mesma chave qualitativa, de modo a conferir uma análise justa ao primeiro e garantir legitimidade ao segundo. Além disso, o livro traz a primeira interpretação da linguagem literária de Lima Barreto que mostra a experiência do autor preto e suburbano tomando forma. Lima e Adão, as cores afetando e alterando a noção estética de poesia e literatura, dando palco ao debate racial, campo fechadíssimo à época e ainda hoje anacronicamente ilhado em escolas e instituições literárias que perderam ao menos dois bondes da história: o da política do reconhecimento e o da ampliação da noção do literário que ela pode – e deve – acarretar. *Vale quanto pesa*: o título já revela o programa crítico. Os conflitos aí refletidos são, em grande medida, balizadores da crítica literária e da cultura que modelaram o nosso campo tal como hoje o conhecemos e contra o qual nos batemos.

A luta pelo reconhecimento de formas então marginalizadas de literatura envolveu mesmo trincheiras e batalhas diferentes nos anos de ditadura militar-civil (1964-1988). Diferente de Roberto Schwarz, Silviano desconstrói a polarização "cópia" e "original" em crítica pioneira ao eurocentrismo, acompanhado, de certa forma, por Heloisa Buarque.

Todavia, diferente desta – centrada no Brasil como espaço delimitado das relações que lhe interessam, a desigualdade interna e as diferenças culturais nacionais –, Silviano está sempre pensando a inserção brasileira no mundo: como dinâmica das relações literárias, intelectuais e culturais desenvolvidas não simplesmente "no", mas, propriamente, "a partir" do Brasil e seu lugar periférico. Diferente de Schwarz, também sempre atento à geopolítica internacional, Silviano não se restringe aos quadros da dependência: parte deles para ultrapassá-lo em termos comparativos muito próximos aos de Florestan Fernandes, seu amigo, como veremos a seguir.

Silviano Santiago, leitor de Florestan

A "dobradinha" de "O entre-lugar do discurso latino-americano", do livro de 1978, com "Apesar de dependente, universal", do livro de 1982, fornece um quadro geral para o debate sobre dependência cultural no campo das artes, localizando Silviano Santiago dentro desse complexo arranjo. Era precisamente esse o clima da discussão dos anos 1970, congregando autores como Roberto Schwarz, Antonio Candido e Haroldo de Campos em esforços para oferecer, a partir dos estudos literários, uma resposta ao problema da dependência formulado anteriormente por Celso Furtado e o grupo ligado à Cepal. Mas há que se acentuar o lugar próprio de Silviano nesse debate, que discrepa dos termos mais assentados. Ele não está sozinho nessa posição, porém. É justamente aí que seu diálogo com Florestan Fernandes se torna central, na medida em que ambos questionam, naquele momento, a ideia de "formação" que dá sustentação ao debate sobre dependência ao qual se opõem.

Em sua leitura, no calor da primeira edição de *A revolução burguesa no Brasil* (1975) (Botelho & Brasil Jr., 2020), Silviano Santiago apontava que analisar a revolução burguesa *no Brasil* implica reconhecer as diferenças específicas no interior de um processo global e assimétrico – colonial, neocolonial ou imperialista – de imposição de um padrão societário-civilizacional. Não está em jogo nem a valorização dos modos centrais de realização do capitalismo, nem tampouco um discutível elogio das "vantagens do atraso". O cerne da preocupação de Florestan é a estruturação das desigualdades e sua consequente naturalização na ordem social capitalista, em todas as suas latitudes.

A interpretação de uma sociedade *dependente* exige do sociólogo e do crítico literário que saibam manejar com maestria as categorias europeias, levando-as até praticamente o seu esgotamento teórico e ideológico. Concepção política, método sociológico, crítica e escrita se imbricam aqui de modo inextrincável, exigindo de autores e leitores que acompanhem, na trama da análise, o conflito não apenas entre temas (como Brasil vs. Europa), mas entre abordagens e categorias – novas, velhas, recriadas. Em suma, sugere Silviano sobre Florestan (e, em certa medida, sobre si mesmo): tratando-se da interpretação "de uma sociedade dependente, o sociólogo teria de usar necessariamente certas categorias de pensamento que naturalmente mostrassem a ligação, a dependência, mas que ao mesmo tempo dessem conta de todas as forças, digamos, progressistas, que tentavam neutralizar esta dependência" (Santiago, 2018, p. 306-307).

O que Silviano sugere sobre o livro do colega e amigo sociólogo é bastante revelador de seu próprio programa crítico-intelectual. Embora pouco lembrado pela fortuna crítica, Silviano escreveu uma das primeiras resenhas sobre *A revolução burguesa no Brasil*, ainda em 1977, a pedido do próprio Florestan. Os dois se conheceram pessoalmente nos anos 1970, em Nova York, apresentados por Abdias do Nascimento: Silviano construía carreira no exterior, então como *Associate Professor* no Departamento de Francês da State University of New York em Buffalo, enquanto Florestan iniciava sua estadia como professor visitante na University of Toronto – parte do périplo cosmopolita a que foi compelido após sua aposentadoria compulsória em 1969.

A afirmação sobre a necessidade de rever o modelo teórico importado, para dar conta do duplo movimento que estrutura teoricamente o livro – nomeado por Silviano pelo par dependência/independência –, é precisa. Florestan Fernandes, argumenta o resenhista revelando muito de si próprio, trabalha com

> as categorias estruturais e semânticas de *repetição e diferença*. No processo de repetição, existe por um lado uma atitude de absorção e de cópia, e que redunda do ponto de vista semântico, em silêncio significativo para o sociólogo. No processo de diferença, existe transgressão a valores estabelecidos e imperialistas, e do ponto de vista semântico, significação (Santiago, 2018, p. 308).

Assim, para Silviano, Florestan adota "o princípio operativo da *diferença* [...] como força mobilizadora de novo discurso crítico da periferia *na* periferia" (Santiago, 2018, s. p.). No desenvolvimento de sua própria obra teórica e crítica, Silviano Santiago daria passos decisivos nessa direção, questionando o paradigma da *formação* e formulando o alternativo conceito de *inserção* (Santiago, 2012, 2014; Hoelz, 2025), cujas raízes remontam ao modo ousado como enfrentou o tema uníssono da dependência nos anos 1960 e 1970.

Em aula inaugural proferida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em março de 2015, Silviano retoma as palavras de Hélio Oiticica no texto "Brasil diarreia" para propor uma "inserção da linguagem-Brasil em contexto universal", movimento que se coaduna de forma incisiva com o debate sobre dependência, lançando o Brasil no universal, a fim de "situar um problema que se alienaria fosse ele local". As questões insuladas na periferia do mundo tornam-se irrelevantes quando enclausuradas no particularismo das margens, mas ganham estatuto crítico – e cosmopolita – ao serem inseridas no debate mundial. Invertendo a ordem da dependência, como o fez Jorge Luis Borges, evocado também por Silviano em seu "Pierre Menard, autor del Quijote", o texto cosmopolita é reescrito, repetido em diferença.

O próprio Silviano Santiago, aliás, como já observado (Botelho, 2022), lançou as bases desse programa intelectual no conceito editorial e no estudo introdutório à coleção *Intérpretes do Brasil*, que reuniu, em três volumes, estudos clássicos da formação da sociedade, do Estado e da cultura brasileiros, por ocasião das comemorações dos 500 anos do dito descobrimento do Brasil, em 2000. Alguns dos livros ali reunidos, provoca Silviano já de saída, "envolvem, de maneira descritiva, ensaística ou ficcional, o território chamado Brasil e o povo chamado brasileiro, [e] sempre serviram a nós de farol (e não de *espelho*, como quer uma teoria mimética apegada à relação estreita entre realidade e discurso)". O autor mostra como diferentes interpretações recolocam em questão "identidade", "hierarquia" e "liderança" na sociedade que se veio formando no contexto do império colonial português na América, e como a palavra escrita sempre funcionou como um mecanismo de abordagem dos problemas e de estabelecimento dos valores sociais, políticos, econômicos e estéticos da nova terra e de seu povo. Forma-se, assim, uma tradição intelectual entre metrópole e colônia que, não

raro, porém, respondia "às próprias perguntas que colocam, umas atrás das outras, em termos de violentas afirmações europeocêntricas".

Para concluir, vale então, porque pesa, destrinchar a articulação entre as ideias de "dependência" e "universalidade" – cerne do programa comparativo desconstrutor do eurocentrismo formulado por Silviano – desenvolvida em *Vale quanto pesa* e condensada no seu ensaio principal, a cuja análise cerrada nos dedicamos a seguir.

Universal por diferença (e não a despeito dela)

Comecemos pelo final. A última frase do ensaio "Apesar de dependente, universal" parece guardar uma chave metanarrativa para compreendermos o programa intelectual em que ele, como ademais todo o livro, se insere: "nas culturas periféricas, os textos descolonizados questionam, na própria fatura do produto, o seu estatuto e o estatuto do avanço cultural colonizador". Não seriam estes mesmos "textos descolonizados" que performam uma crítica ao avanço cultural do colonizador?

Como já discutido em parte acima, *Vale quanto pesa* (1982), assim como o primogênito do autor, *Uma literatura nos trópicos* (1978), incorpora em sua própria fatura o *deslocamento* como uma forma urdida pela história entre a trajetória e a obra de seu autor. Não parece fortuito que a "hospedagem" constitua quase um método deste autor cosmopolita transitando sempre no "entrelugar" e movido pela "atração do mundo". O deslocamento a que nos referimos, porém, é também teórico e aparece cifrado nos títulos desses livros, que procuram desconstruir a tradicional noção beletrista de literatura com o intuito de democratizar a cultura, nela incluindo novos sujeitos e objetos – como a música popular, a cultura de massa, a literatura contemporânea e a poesia marginal. Talvez não seja exagero dizer que *Vale quanto pesa*, em grande medida, realiza – lembrando o título de seu antecessor – "estudos culturais nos trópicos", ao concorrer para implodir a divisão hierárquica entre alta cultura e cultura popular ou de massas – esta vista pelo *mainstream* como homogênea, alienante ou desprovida de densidade simbólica. Nesse jogo da repetição com diferença, Silviano, nativo do entreposto de Formiga (MG), tem a sabedoria de atuar também como um tropeiro intelectual das teorias de ponta contemporâneas.

Esses livros são "sementes" (antes de serem refinadas em produtos de exportação, com os rótulos de estudos subalternos, pós- e decoloniais) de uma agenda crítica ao eurocentrismo que, não fosse a violência simbólica desse próprio discurso e a divisão internacional do trabalho intelectual a que ele dá lastro, fariam de Silviano um superastro nos badalados centros acadêmicos mundiais. Eles também rompem pioneiramente com o espectro do nacionalismo metodológico que rondava as letras e as humanidades em geral ao postular a especificidade histórica da periferia – "apesar de dependente, universal" – como lugar de enunciação e ponto de vista em que o conflito e a diferença, que o centro apaga no outro e camufla em si mesmo, se tornam *visíveis*.

A periferia é precisamente esse "entrelugar" em que as "condições discursivas da enunciação" permitem que se perceba, com menos obscuridade, como os ideais de "unidade" e "pureza" são falsos em *qualquer* dinâmica social. Se a dependência cultural é deletéria mas coercitiva para países de passado colonial, como aponta Silviano, é justamente no seu deslocamento, na *repetição com diferença* – e na reescritura ensejada pelas contradições locais do processo histórico desigual e combinado –, em suma, em sua *tradução*, que se deixa ver e ouvir a mensagem outra do mesmo significante (Santiago, 2000, p. 22).

"Apesar de dependente, universal", pode ser lido, assim, como um díptico ou, para recorrer a tópica cara a Silviano, um "gêmeo não univitelino" de "O entre-lugar do discurso latino-americano", formando com este uma espécie de "protótipo do gesto pós-colonial" (Cunha, 2018) ao se insurgir contra o silenciamento etnocêntrico da alteridade das culturas que se defrontaram com a violência do processo colonial e expansionista europeu. Silviano significativamente seleciona como uma de suas epígrafes uma citação de Paulo Emílio Salles Gomes sobre uma "dialética rarefeita", nas palavras deste, que teria similaridade com seu próprio conceito de entrelugar: "Não somos europeus nem americanos do Norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética entre o não ser e o ser outro".

A palavra-chave mobilizada por Silviano para compreendermos a lógica que preside essa "penosa construção" é *ocupação*. A invasão do desconhecido Novo Mundo por uma força estrangeira, que submeterá os povos nativos a seu domínio, converterá a terra apropriada em "palco" para onde deslocar os

conflitos das sociedades metropolitanas. A luta pelo poder e a partilha das terras americanas irá "encenar" – as metáforas dramatúrgicas do autor são deliberadas – a quebra da unidade da Igreja e as guerras santas entre facções religiosas europeias. A catequese se incumbirá de estender a ocupação à mente dos nativos indiferentes ao dogma, convertendo-os também em figurantes hereges dos dramas da cosmologia católica, em meros "atores" e "recitadores" de conflitos maiores do mundo ocidental. Em passagem de grande força retórica, Silviano afirma que a colonização constitui uma "ação de despejo" dos indígenas de seu próprio mundo:

> Duplamente despojado: a História europeia é a estória do indígena. Resta-lhe memorizar e viver com entusiasmo uma "ficção" europeia (portuguesa, em particular) que se transcorre num grande palco que é a sua própria terra. E já no século XX nem mais a terra é sua. Terceira, última e definitiva ação de despejo operada pelos colonizadores (Santiago, 1982, p. 15).

A colonização opera como uma "atividade docente" que implica a memorização pelos nativos de uma história alheia, imposta como verdade única, que os "desaloja" da sua alteridade. "O indígena é o Outro do europeu: ao mesmo tempo imagem especular deste e a própria alteridade indígena recalcada" (Santiago, 1982, p. 16). A colonização provoca a subjugação da história particular dos povos americanos pela História universal dos colonizadores europeus. História esta (em maiúscula) única e total, que exigiu, como nota Silviano, a transformação do multifacetado mundo medieval em um "todo narcisicamente composto" que uniformizou as diferenças entre as civilizações. A ocidentalização se torna, dessa forma, o desígnio das sociedades do Novo Mundo, instituindo a classe dominante local como sua fiadora. Assim se processa a ocupação dos trópicos e, comprometida com o etnocentrismo, se cria a "inteligência" no Brasil. Diz Silviano: "No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização dos valores" (Santiago, 1982, p. 17) que produz sua inferioridade.

O etnocentrismo é narcísico e faz do indígena, primeiro, e do negro africano, depois, o Outro europeu: sua condição de ser outro e diferente é recalcada, hierarquicamente, e assimilada à imagem refletida do invasor, à identidade do mesmo. Ele prolonga, fora, os problemas cinicamente

negligenciados dentro de casa, como exemplifica a ambiguidade moral que manifesta o Velho de Restelo em *Os Lusíadas* de Camões, destacada por Silviano: à beira do cais, o personagem resolve não embarcar, pois considera supérflua a busca do desconhecido, quando este já existe, e é ignorado, dentro da própria sociedade, bem como a tarefa de civilizar o outro, enquanto existam "outros" – isto é, minorias subalternas – que são oprimidos pela classe dominante em nome da civilização (Santiago, 1982, p. 16).

A compreensão das minorias pelo intelectual latino-americano não pode se furtar a encarar a "configuração ambivalente do seu ser cultural" (Santiago, 1982, p. 18), isto é, considerar sua inserção no processo de ocidentalização do mundo encetado pela máquina do colonialismo ontem e do neocolonialismo capitalista hoje e simultaneamente questioná-la, subvertendo a hierarquização pelos critérios de "atraso" e "originalidade", para que esses grupos desprivilegiados não continuem a viver uma "ficção" que explica seu passado e seu desaparecimento futuro. "Difícil é o pacto entre o homem latino-americano e a História ocidental" (Santiago, 1982, p. 18). Para tanto, deve evitar o paradigma desenvolvimentista associado ao que Silviano denomina "práxis ideológica do progresso", responsável por fabricar um "simulacro" de avanço social, posto que não democrático. Vale citar outra passagem contundente do autor que explicita o sentido excludente dessa prática: "A maior verdade do 'milagre' são os bóias-frias; a maior mentira do 'milagre' não é o bolo, é a faca. A faca na mão de quem corta. Quem parte e reparte fica com a melhor parte" (Santiago, 1982, p. 19).

A "faca" aqui, além de cifra da violência do regime desenvolvimentista autoritário, representa o instrumento de poder e reprodução da classe dirigente, que controla a distribuição da riqueza e toma para a si a maior e melhor parte, deixando para o resto as migalhas – grupo a quem, portanto, o progresso beneficia de fato. E o foco no "bolo" – a narrativa ideológica de crescimento igualitário para todos – ofusca a realidade injusta da exploração (sintetizada numa das formas mais extremas de precarização do trabalho, os "boias-frias") conduzida pelas mãos que o repartem, impedindo-nos de perceber que o principal produto do modelo autocrático de desenvolvimento é, na verdade, a miséria e o subemprego de grupos marginalizados. Esse discurso ideológico é disseminado ainda, segundo o autor, por narrativas midiáticas (como as novelas de TV) que, em vez de promoverem "conscientização sociopolítica", dramatizam a ascensão social

como resultado do mérito individual, isento das barreiras estruturais de uma sociedade "tão preconceituosa e tão autoritária". Ironicamente, nos lembra Silviano, é nos momentos mais agudos de desenvolvimentismo que recrudescem as desigualdades sociais.

Municiado desses argumentos, Silviano chega então a seu objetivo central de questionar as categorias etnocêntricas de "fonte" e "influência" que servem de alicerce para a literatura comparada e reduzem a literatura dependente a apenas seus "aspectos repetitivos e redundantes". Não é fortuito que a tendência básica do pensamento colonizado seja o "enciclopedismo" e a "síntese". Ora, pondera Silviano, não passaria de devaneio ufanista acreditar que possamos ter um pensamento autóctone autossuficiente, desprovido de contatos "alienígenas", pois não podemos fazer de conta que a dependência não existe, dada a dívida coercitiva com as culturas dominantes que a relação colonial nos impinge, tampouco podemos nos contentar com a glorificação do nativo e do negro, em vez de buscar a sua "inserção diferencial na totalização universal" (Santiago, 1982, p. 22).

Trata-se de subverter a "lógica da complementaridade" em que se apoiam as "célebres artimanhas do pensamento ocupante" – a racionalidade analítica e a dialética – para produzir a "uniformização e totalização da diferença", integrando de forma inexorável as minorias ao modelo civilizatório europeu. Por esse viés, a cultura periférica não passa de mero "apêndice insignificante" da História universal. Essa lógica só pode ser contrastada, segundo Silviano, por "uma força e um movimento *paradoxais*", que o conceito "tático e desconstrutor" de entre-lugar carrega. Este permite deslocar a ênfase da repetição para a diferença que a cultura dependente instaura, da integração para o conflito, a despeito da inevitável sujeição à sociedade dominante, escapando assim do rolo compressor da homogeneização. O foco passa a recair nos choques entre as ações de dominação e as reações dos dominados, não mais diluídas em uma unidade. Mais do que isso, fazendo a cultura dominada retroagir sobre a dominante, coloca-se em xeque a real universalidade dos valores metropolitanos: "a universalidade só existe, para dizer a verdade, nesse processo de expansão em que respostas não-etnocêntricas são dadas aos valores da metrópole" (Santiago, 1982, p. 24). Isso não implica que a mera inversão de discursos franqueie a relativização da história em sua lógica assimétrica, mas combinada. Entendida, desse modo, como "jogo diferencial", a universalidade se desprovincianiza e assume uma

nova perspectiva cosmopolita, não mais elitista, mas agora descentrada e desterritorializada, abdicando de seus pressupostos autoritários e totalitários de pureza e unidade, de origem e fim – desenraizando-se, a universalidade torna-se rizoma. Não existe mais a coisa em si, a referência privilegiada, o significado transcendental fora das relações de poder na cosmopolítica das multiplicidades que Silviano denomina "universalidade diferencial". E toda "posição" é contingente, embora não aleatória, e passível de deslocamento (ou de deposição). Embora não haja espaço para desenvolver este ponto aqui, cabe ressaltar que a contribuição de Silviano à desconstrução da universalidade eurocêntrica purgada de história não pode ser inteiramente aquilatada sem se levar em conta sua leitura de Derrida,[2] pensador judeu-franco-magrebino nascido na Argélia ocupada pela França, que por sua vez seria ocupada pelo exército nazista durante a Segunda Guerra – sob o signo da violência colonial e imperial, portanto.

Isso posto, se, anteriormente, o conceito de originalidade havia servido para dar prioridade à Europa sobre a cópia degradada que dela sempre seria a América Latina, o seu questionamento permite a Silviano avançar na direção de uma noção na qual a repetição instaura uma diferença que repercute inclusive sobre o contexto original, corrompendo a sua presumida originalidade. Não se trata simplesmente de realizar uma operação de inversão, em que se passa a valorizar a cópia. A cópia, como reflexo de um original determinado, evidencia elementos que não apareciam nele, fazendo dessa primeira instância algo dependente, para sua atualização, da própria cópia. É tão somente na cópia que o original se torna evidente como tal, o que significa dizer que o original não existe na ausência da cópia.

O conceito de suplemento, emprestado de Derrida, joga um papel central aí. Em seu ensaio "Eça, autor de *Madame Bovary*" (Santiago, 2000), retomado em "Apesar de dependente, universal", Silviano mobiliza esse conceito para reler, a partir de "Pierre Menard, autor del Quijote" de Jorge Luis Borges, a familiaridade d'*O Primo Basílio* com o romance de Flaubert. Apesar de a geração de Eça em Portugal ser dependente da cultura francesa, o suplemento da leitura – isto é, o que se acresce ao original e o diferencia dele – torna a "cópia", paradoxalmente, mais original do que o "modelo", uma vez que ela

[2] Como sabemos, Silviano foi o responsável por supervisionar a produção do precursor *Glossário de Derrida*, editado originalmente em 1976, figurando como o sexto livro publicado em todo o mundo sobre a obra de Derrida.

contém em si ao mesmo tempo "uma representação do texto dominante e uma resposta a esta representação no próprio nível da fabulação" (Santiago, 1982, p. 23). O texto segundo repete e cita em si mesmo o texto primeiro como arquivo de leitura – ele incorpora o primeiro mais a sua leitura – e, assim, explicita nele a sua condição de texto escrito a partir de outros textos (do "já-escrito", como Silviano adapta o "*déjà-dit*" de Foucault), que é a de todos os textos, como nota Penna (2012). Eis aí a universalidade diferencial que transforma o cosmopolitismo, de estilo culto de elites ilustradas, em abordagem teórico-política subalterna. Assim, a cópia diferida do modelo poderia engendrar um produto original. Mas originalidade, está claro, não equivale à pureza e/ou à autenticidade.

Pode-se dizer que esse raciocínio – ao demonstrar o infundado de hierarquias como a de que a "cópia" é secundária em relação ao "original", depende dele, vale menos etc. – conduz à própria desconstrução do primado da origem que jaz como pressuposto de noções de cultura ou identidade unitárias e puras. Não obstante o alívio que a solução pudesse proporcionar à autoestima da nossa sociedade dependente assolada por uma epidemia de "moléstia de Nabuco" – que fazia nossas elites sentirem saudades do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista, para repetir a fórmula de Mário de Andrade (Santiago, 2006, p. 24) –, Silviano não incorre no equívoco inverso de supor que a não reprodução da tendência europeia é uma questão de opção e poderia nos dar uma vida intelectual, artística, social etc. mais substantiva e genuína. Não se trata, assim, de uma (re)versão ingênua, pós-moderna, das vantagens do atraso, segundo a qual processos reais passariam a ser vistos como uma sequência infinita de transformações, sem começo nem fim, sem primeiro ou segundo, pior ou melhor, redistribuindo conforto (mas não riqueza, poder e prestígio) à periferia. De atrasados viraríamos adiantados, de desvio passaríamos a norma, a inferioridade seria miraculosamente transformada, por um ato performativo do discurso, em superioridade (a qual, aliás, esse mesmo discurso visava abolir), como se a vivência humilhante da cópia coercitiva, o nosso lugar de fala e de invisibilidade, por assim dizer, nos tornasse mais aptos que a metrópole a abrir mão das ilusões da origem primeira ("ainda que a lebre tenha sido levantada lá e não aqui") (para lembrar, a propósito, Roberto Schwarz, 2006). Sobretudo, o problema da cultura reflexa deixaria de ser particularmente nosso, e, de certo ângulo, em vez do sonho obsessivo de europeização ou americanização da América

Latina, assistiríamos na primeira fila à latino-americanização das culturas centrais, do Norte, metropolitanas, ou como quer que se queira nomeá-las.

Silviano sabe que desconstruir princípios normativos opressores não basta para combater relações de desigualdade e exploração efetivas, cujo fundamento é prático (Schwarz, 2006, p. 35). Não se trata, portanto, de substituir um discurso eurocêntrico por outro igualmente etnocêntrico e totalizante, mas de desenvolver um modo descentrado de relação com o universal a partir das diferenças, que implica movimento e abertura potenciais em várias direções e, neste gesto transfigurador, uma visão cosmopolítica e solidária de um mundo compartilhado e seus outros.

* * *

As três linhas de desenvolvimento e generalização do debate sobre cultura e política no Brasil aqui estudadas, gestadas nos anos 1970 e amadurecidas nos anos de transição democrática, seguem conosco – com traços, combinações e forças distintas. Num presente como o nosso, marcado pela ampliação dos conflitos internos e externos, e de desilusão com a ideia de democracia como valor universal, que levaria a um autoaperfeiçoamento crescente da cidadania, há que considerá-los, os tipos ideias aqui delineados, em conjunto. Não para promover uma conciliação à brasileira entre posições tão díspares, como costumam ser as saídas apontadas para os impasses na sociedade como um todo, mas fazendo-os valer o quanto pesam na compreensão do "sentido" do debate sobre cultura e política.

Back to: o empreendimento genealógico aqui realizado permite justamente surpreender aquilo que se insinuava como novo na cultura, mas ainda não tinha força suficiente, e seus portadores sociais (não por acaso Silviano começa sua vida pedagógica no Rio de Janeiro levando os alunos a empreenderem juntos a escrita de um glossário sobre Jacques Derrida), em meio às posições mais assentadas no conflito interpretativo do presente. Genealogia aprimoradamente agambeana: entre o nacional-popular e o dependentismo, faróis a disputar corações, mentes e corpos, se insinua a desconstrução geopoliticamente orientada, problematizando o presente e abrindo claros-escuros para o futuro. Ela é a novidade.

Referências

Botelho, André. (2022). Dois estudos para retrato inacabado de Silviano Santiago. *In:* A. Botelho, M. Hoelz, A. Bittencourt (orgs.). *A sociedade dos textos* (pp. 201-216). Relicário.

Botelho, André, & Brasil Jr., Antonio (2020, 22 jul.). Cosmopolitismo plebeu: a sociologia de Florestan Fernandes. *Blog BVPS*. Recuperado de: https://blogbvps.com/2020/07/22/cosmopolitismo-plebeu-a-sociologia-de-florestan-fernandes-por-andre-botelho-e-antonio-brasil-jr/

Botelho, André, Hoelz, Maurício, & Bittencourt, Andre. (2022). *A sociedade dos textos*. Relicário.

Botelho, André, & Tresoldi, Caroline. (2024a). Democratização da cultura: Heloisa Buarque de Hollanda e a crítica brasileira nos anos 1970. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (89), e10713. https://doi.org/10.11606/2316901X.n89.2024.e10713

Botelho, André, & Tresoldi, Caroline (2024b). *Helô Teixeira: crítica como vida*. Bazar do Tempo.

Cunha, Eneida L. (2018, 8 maio). "Uma literatura nos trópicos" e a urgência de "escrever contra". *Pernambuco: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*.

Hoelz, Maurício. (2025). Inserção. *Glossário Silviano Santiago. Blog da BVPS*. Recuperado de: https://blogbvps.com/2025/09/18/glossario-silviano-santiago-insercao-por-mauricio-hoelz/

Hollanda, Heloísa B. de. (2009). *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Carpe Diem; Língua Geral.

Hollanda, Heloísa B. de. (1992). *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70)* (3. ed.). Rocco.

Santiago, Silviano. (2018). A revolução burguesa. *Sociologia & Antropologia, 8*, 299-312.

Santiago, Silviano. (2014, 7 set.). A anatomia da formação. *Folha de São Paulo*. Caderno Ilustríssima.

Santiago, Silviano. (2012, 26 maio). Formação e inserção. *O Estado de São Paulo*.

Santiago, Silviano. (1982). Entrevista. *In:* S. Santiago, *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais* (pp. 193-200). Paz e Terra.

Schwarz, Roberto. (2012). Verdade tropical: um percurso de nosso tempo. *In:* R. Schwarz. *Martinha versus Lucrécia* (pp. 52-110). Companhia das Letras.

Schwarz, Roberto. (2006). Nacional por subtração. *In:* R. Schwarz. *Que horas são?* (pp. 29-48). Companhia das Letras.

Schwarz, Roberto. (1978). Cultura e política, 1964-1969. *In:* R. Schwarz. *O pai de família e outros estudos* (pp. 61-92). Paz e Terra.

Silva, Gabriel M. da. (2024a). A boca da história morde a cauda do mito: Jacques Derrida e a inscrição brasileira da desconstrução. *O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira, 33*(3), 65-82. https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/54244

Silva, Gabriel M. da. (2024b). Um livro dentro de um livro dentro de um livro: escritura, cárcere e arquivo em Silviano Santiago (1975-1981). *Revista Z Cultural, 19*(2), 1-11.

Veloso, Caetano. (1997). *Verdade Tropical*. Companhia das Letras.

Recebido: 9 maio 2026.
Aprovado: 22 set. 20276.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0